



Uma análise multiescalar e multidimensional do projeto de resgate e massificação de sementes desenvolvido pelo MPA no extremo oeste de Santa Catarina

A multiscale and multidimensional analysis of the seed rescue and massification project developed by MPA in the far west of Santa Catarina

BURLE DE NIEMEYER, Carolina
Fiocruz; carolina.niemeyer@gmail.com

Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: Este trabalho deriva da minha tese de doutorado denominada “Movimentos Sociais como produtores de conhecimento: a Soberania Alimentar no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)”, na qual proponho uma leitura multidimensional e multiescalar sobre a Soberania Alimentar, somada a uma interpretação cognitiva-epistêmica da práxis dos movimentos sociais neste processo. No artigo, o foco recai sobre o projeto de preservação, massificação e desenvolvimento de sementes crioulas e varietais, desenvolvido pelo MPA no extremo oeste de Santa Catarina. Uma experiência de fomento da Agroecologia e da Soberania Alimentar, que conjuga geração de renda à ação política e à produção de novos conhecimentos, mediante o diálogo entre o conhecimento tradicional camponês, a Ciência e a Agroecologia.

Palavras-chave: Movimento dos Pequenos Agricultores; Soberania Alimentar; diálogo de saberes; Agroecologia.

Keywords: Small Producers Movement; Food Sovereignty; Shared production of knowledge; Agroecology.

Introdução

Este artigo deriva da minha tese de doutorado, na qual defendo que, através de sua atuação prática e discursiva, os movimentos sociais estão travando uma luta que além de política e cultural é também *cognitiva e epistêmica* e que a Soberania Alimentar é exemplificadora deste processo.

A Soberania Alimentar surge como ferramenta política, mobilizada pela Via Campesina na Cimeira Mundial da Alimentação de 1996, como um contraponto ao conceito de Segurança Alimentar adotado pela FAO à época. Ao longo dos 2000, a Soberania Alimentar se consolida como um conceito transnacional, apoiado em práticas locais e territorialmente situadas, e ganha centralidade na luta contra a Globalização Neoliberal, por colocar em xeque os fundamentos que sustentam a produção e reprodução do capitalismo. Neste processo o conceito é apropriado pela Agroecologia, em apoio à defesa de um modelo de agricultura não capitalista, social e ambientalmente responsável. Esta dinâmica potencializa a relação de troca entre camponeses/as, técnicos em agroecologia e cientistas críticos e o resultado deste diálogo de saberes são novos produtos e conhecimentos.

Neste trabalho, abordarei esta questão por meio da análise de uma experiência que



acompanhei entre 2011 e 2012: o projeto de resgate, massificação e melhoramento de sementes conduzido pelo MPA no extremo oeste de Santa Catarina.

Metodologia

Inserido no debate sobre movimentos sociais e produção de conhecimento, este trabalho propõe que a *práxis* dos movimentos sociais é geradora de novas formas de conhecimento, o que implica em mudar o foco do resultado para o processo, e demanda a realização de uma pesquisa qualitativa, que considere a produção cognitiva e epistêmica dos movimentos sociais como material privilegiado de análise.

Desde a escolha do objeto este é um estudo comprometido com um projeto de emancipação social e essa premissa influenciou a escolha das metodologias e das ferramentas de pesquisa e análise. A partir de critérios sugeridos pela Antropologia do Conhecimento, realizei uma pesquisa de campo de viés etnográfico, na qual procurei estabelecer uma relação horizontal com os sujeitos pesquisados, a partir da valorização das suas experiências, conhecimentos e análises e da exposição das minhas vivências e ideias à sua crítica. Essa opção metodológica, ao invés de prejudicar o critério analítico do trabalho, contribuiu para a consolidação de um vínculo de confiança entre eu e os “objetos”, promovidos a sujeitos da pesquisa.

Ao longo do trabalho de campo, realizei inúmeras entrevistas abertas e semiabertas com dirigentes e militantes históricos do MPA. Mas as principais revelações vieram das conversas espontâneas com os “técnicos-militantes”, quando os acompanhava a campo, e das oportunidades de convívio com o/as produtor/e/as que formavam a base atual e potencial do MPA. Para compreender melhor aquele universo, acessei obras de autores locais, busquei conhecer as principais referências intelectuais, culturais e religiosas daquelas pessoas e compartilhar ao máximo do seu cotidiano. O caderno de campo foi complementado com fotografias e vídeos, porque a imagem e a linguagem corporal por vezes comunicam mais do que os relatos.

Resultados e Discussão

Parto da ideia que o desenvolvimento de novos conhecimentos por movimentos sociais é resultante da sua dinâmica constitutiva, dinamizada em relação ao contexto de ação e em interação com seus aliados e opositores. O meu trabalho de campo me revelou que, mais do que em assembleias, protestos e ações espetaculares, é no cotidiano da relação com a base, na resistência e na ação criativa frente aos novos desafios e oportunidades surgidas, que este processo se potencializa.

Início a seção com um breve relato sobre o Movimento dos Pequenos Agricultores. Surgido em 1996, no contexto da “Mobilização da Seca”, o MPA foi criado por líderes sindicais descontentes com os rumos do movimento sindical. Nos primeiros anos, os seus esforços concentraram-se na conquista de políticas públicas para a base, mas no seu processo de consolidação, a produção tornou-se a sua principal



meta, sintetizada no “Plano camponês”, voltado ao avanço de alternativas concretas para o fortalecimento do campesinato. Por esta vocação, o MPA ganhou notoriedade no seio da Via Campesina e estabeleceu diversas parcerias técnicas e políticas com movimentos sociais, instituições e organizações do Brasil e de outros países, como Venezuela, Moçambique e Paraguai. A experiência que acompanhei e apresento aqui é uma estratégia exemplificadora desse processo.

Quando cheguei no extremo oeste de Santa Catarina, em São Miguel do Oeste, o meu interesse era conhecer a atuação da Oestebio. Ligada ao MPA, a cooperativa tinha uma unidade de beneficiamento de sementes, que processava principalmente feijão e milho. A estratégia do movimento era ampliar a escala do confronto com a agricultura transgênica: do litrão para a container. Em vez de se limitar à troca de sementes entre camponeses, o movimento desenvolveu um projeto voltado à massificação de sementes varietais, comercializadas prioritariamente com o governo e doadas a quilombolas e assentados, por meio de políticas públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Brasil Sem Miséria.

Com a instalação dessa agroindústria, o MPA conjugou a estratégia de geração de renda para o/as pequeno/as produtores a um mercado para sementes tradicionais. Assim como o agronegócio, o movimento criou uma rede de assistência técnica e política, que atuava para além do projeto, orientando os produtores a não adotarem os transgênicos e a fazerem a transição para a Agroecologia.

Indo a campo com os técnicos, constatei que os “produtores multiplicadores” tinham noção de Agroecologia, por conta da assistência técnica prestada pelo MPA. As sementes destinadas a Oestebio eram produzidas sem veneno, mas não toda a produção. Muitos se esforçavam para fazer a transição, mas a maioria dizia não ter condições e apontava como principais razões: a falta de linhas de crédito para a Agroecologia, a dificuldade de acesso a sementes não transgênicas, a escassez de mão de obra e o risco de contaminação pela produção de vizinhos.

Além dos “multiplicadores de sementes”, o projeto mantinha um grupo seletivo de “mantenedores de sementes”. Camponeses e camponesas zelosos do seu conhecimento tradicional e detentores de uma área protegida da contaminação por transgênicos. Este grupo era também responsável pela condução de novos experimentos, em conjunto com Anderson Munarini, um militante do movimento, que estava cursando mestrado em Engenharia genética na UFSC à época.

Um desses experimentos estava sendo desenvolvido na propriedade de Normélio e Maria Triaca, ele do MPA e ela do MMC. Pais de um técnico-militante do MPA, ambos são conscientes do valor do seu saber camponês e das espécies crioulas, animais e vegetais, que preservam em sua terra, geograficamente protegida da contaminação por transgênicos. Durante a pesquisa de campo, eu passei um final de semana com o casal e retornei para acompanhar uma etapa da pesquisa que Munarini estava realizando com Normélio, como parte de seu mestrado.



Esta etapa do experimento compreendeu a colheita, a medição e a catalogação de feijões, e foi também acompanhada por um grupo de militantes e produtores do MPA e por estudantes de Agroecologia ligados ao MST, que estavam fazendo um estágio de vivência no MPA, para acompanhar o trabalho com as sementes. Antes de chegarmos ao sítio do casal, assistimos a uma palestra crítica ao capitalismo, proferida pelo Pastor Lobo, parceiro do MPA na região. E após o trabalho concluído, desfrutamos de uma galinhada preparada por Maria especialmente para a ocasião.

O caso em tela contribui para revelar a potencialidade do diálogo entre a ciência, a agroecologia e o saber camponês, mas o aspecto que mais merece atenção é o fato desta aproximação não ter sido movida pela Academia ou por uma instituição técnica e sim pelo próprio movimento social. De acordo com Munarini, o seu mestrado atendia um interesse do movimento, que via na sua especialização a potencialização das suas estratégias de trabalho com as sementes.

Em 2011, a Oestebio passou a atuar internacionalmente e o seu primeiro projeto foi uma parceria firmada com o governo da Venezuela no período Chávez, para a exportação de sementes de feijão. De acordo com um dirigente do MPA, em termos comerciais, a cooperativa teria mais vantagens se a Venezuela se mantivesse dependente da importação das sementes de feijão. Mas, como a cooperativa é um “instrumento político” a serviço do “movimento político”, e a operação comercial é também uma estratégia de promoção da Soberania Alimentar em nível mundial, a meta era a autonomização e a autossuficiência dos Venezuelanos. Por essa razão, desde o início, a “Operação Caraota” contemplou a prestação de assistência técnica e a transferência de tecnologia, que ficaram a cargo de Felipe Tairi, técnico-militante de São Miguel do Oeste.

Em entrevista realizada com Diamantino Nhampossa em 2010, o dirigente da União Nacional de Camponeses de Moçambique (UNAC) me relatou que o investimento no resgate das sementes crioulas e no desenvolvimento da agricultura camponesa, em diálogo com a Agroecologia, foi o que levou o movimento social moçambicano a estabelecer parceria com o MPA e não com o MST. O intercâmbio teve início em 2012, no marco da campanha “Sementes: Patrimônio dos povos a serviço da humanidade”. Tendo o apoio da OXFAN, a coordenação ficou a cargo de Gilberto Schneider, membro da direção do MPA (SC) e do MPA Nacional, que também era oriundo e atuava no Extremo oeste de Santa Catarina.

Conforme o relatório técnico sobre o intercâmbio (da Silva, V. e Schneider, 2013), o MPA não levou respostas prontas, mas princípios de trabalho. O projeto foi apoiado nos seguintes eixos: metodologia participativa, formação política e técnica, desenvolvimento coletivo de experimentos práticos de produção de sementes e de preservação das sementes genéticas, criação de casas de sementes controladas pelas próprias comunidades camponesas e análise dos resultados (IBID).

Conclusões



A experiência analisada ilustra como política, teoria, prática e cultura se somam e se misturam na dinâmica de um movimento social e como este processo pode ser gerador de novos conhecimentos: teorias, processos, produtos e tecnologias sociais. Também evidencia as *relações mutuamente constitutivas* entre: o conhecimento popular e científico, e entre os níveis e as escalas de ação dos sujeitos envolvidos no processo de construção da Soberania Alimentar e da Agroecologia, interpretadas aqui como ação política, teoria e prática produtiva.

Realizamos essa pesquisa também movidos pelo interesse de entender como os movimentos sociais agem em relação ao contexto em que estão inseridos, de forma a mobilizar processos de mudança social a seu favor. O projeto de resgate e massificação de sementes realizado pelo MPA em São Miguel do Oeste é um exemplo. Embora repleta de contradições, a empreitada tem o mérito de ter enfrentado o agronegócio com estratégias atrativas para o/a pequeno/a produtor/a rural, conjugando geração de renda à promoção da Agroecologia. Este projeto também deu visibilidade internacional ao movimento, que se tornou, em 2012, a principal referência na Via Campesina, no que se refere a projetos envolvendo a preservação, o resgate e o desenvolvimento de sementes crioulas e variedades.

Referências bibliográficas

CASAS-CORTÉS, M. I.; OSTERWEIL, M.; POWELL, D. E. Blurring boundaries: Recognizing knowledge-practices. In: The study of social movements. **Anthropological Quarterly**, v. 81, n. 1, p. 17-58, 2008.

DA SILVA, V. I.; SCHNEIDER, G. A. **Cooperação Brasil Moçambique Campesino a campesino** - Recuperação, reprodução e manutenção de sementes nativas, Intercâmbio entre MPA e UNAC, Ed. MPA, 2013.

DE LATOUR, E. Os tempos do poder. **Cadernos de Antropologia e Imagem** (3), p 35-51, 1996.

EYERMAN, R.; JAMISON, A. **Social movements: A cognitive approach**. Penn State Press, 1991.

FERNANDES, B. M. **Sobre a tipologia de territórios**. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, p. 197-215, 2009

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, v. 9, 2013.

MELUCCI. **Challenging Codes**. Cambridge University Press, 1996

PEIXOTO, C. **O Jogo dos Espelhos e das Identidades**: as observações comparada e compartilhada. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano1,n.2, p.87-106, jul./set. 1995.